

## 4

### As Visões Pós-Estruturalistas

A evolução dos estudos lingüísticos trouxe novas abordagens dos fatos da língua e, dentro dessa nova visão, alguns autores retomaram os estudos do processo de composição de palavras.

#### 4.1

##### As Abordagens de Sandmann

Sandmann, em trabalhos dedicados à composição (1989 e 1991), investiga os nomes compostos sob determinados aspectos que ele focaliza pormenorizadamente, ao estabelecer as classificações seguintes: compostos **copulativos** e **determinativos**; **endocêntricos** e **exocêntricos**; **vernáculos** e **não-vernáculos**. Dentro destas subdivisões, ele analisa a formação dos substantivos e dos adjetivos compostos em português, buscando estabelecer a distinção entre **um composto** e **um grupo vocabular paralelo**, diferenciação que constitui a dificuldade crucial quando se estuda este capítulo da morfologia.

##### 4.1.1

##### Compostos Copulativos e Determinativos

O autor mostra que são **copulativos** os nomes compostos nos quais os elementos formadores se **coordenam**, mantendo, portanto, entre si, uma relação de parataxe, como, por exemplo, a que existe entre os formadores do substantivo **cantor-compositor**. Neste composto, as duas funções – a de cantor e a de compositor – se expressam em equivalência, pois não há preponderância de uma sobre a outra: a palavra designa alguém que tanto canta quanto compõe. Geralmente, são assim chamados os compositores que costumam gravar suas próprias composições.

Os **determinativos** são aqueles em que há uma relação de **subordinação** de um elemento ao outro, uma relação de hipotaxe. Assim, um dos elementos é o núcleo da formação e o outro a ele se subordina e o especifica. Considere-se, por

exemplo, o produto *piano-bar*, exemplo examinado pelo autor: trata-se de um tipo de *bar*, lugar ideal para quem quer relaxar ou socializar, enquanto toma alguns drinks, mas no qual haverá alguém tocando *piano*, detalhe que transforma o simples bar em um ambiente mais aconchegante e sofisticado. Na combinação, o elemento *bar* é o núcleo da formação, o determinado, e *piano* é o determinante. Neste caso, os elementos não estão em equivalência sintática, já que há entre eles a relação binária entre determinante e determinado.

Para se entender o que é um composto copulativo, considere-se, dentre os exemplos do autor, a formação *copa-cozinha*, comparada a *couve-flor*, ambos criados pela união de dois substantivos. Na primeira, nomeia-se um cômodo da casa que conjuga as funções de ser o local de preparo dos alimentos, tanto quanto ser aquele que funciona como lugar onde se servem as refeições, sem que haja uma hierarquia entre estas duas funções. Do ponto de vista sintático, os elementos não estão, segundo o autor, em relação de dependência, e um dos dois pode responder pelo conjunto. Poder-se-ia dizer “A lista de compras está na **copa**” ou “A lista de compras está na **cozinha**”, e o interlocutor entenderia a mensagem do mesmo modo, nos dois casos.

Já em *couve-flor*, um composto **determinativo**, há uma relação de dependência entre os componentes, uma vez que o primeiro é especificado pelo segundo. Trata-se de uma couve única e diferente de outras, como aquela a que chamamos *couve*, simplesmente; diferente também da *couve-de-bruxelas* e de outros tipos de couve. Está-se falando de certa couve, que tem aparência ou natureza de flor. Neste caso, dizer-se “Prepare uma **couve**” ou “Prepare uma **flor**” não expressa o mesmo que se dizer “Prepare uma **couve-flor**”. Em outras palavras, a menção a um dos formadores de um composto **determinativo** não é suficiente para referir o todo.

Nos compostos **copulativos**, não há determinante (DT) e determinado (DM), pois a presença desta relação caracteriza os compostos **determinativos**. No composto determinativo *couve-flor*, por exemplo, tem-se a seqüência DM+DT que é, segundo o autor, a seqüência normal dos constituintes de palavras compostas no português.

Em pesquisa sobre os compostos no português contemporâneo brasileiro (1989), Sandmann, baseando-se num corpus que reuniu itens recolhidos em

jornais do ano de 1984, concluiu que os **compostos copulativos** designam, principalmente, profissões ou ocupações (como *cantor-compositor*, *cozinheira-arrumadeira*, *pecuarista-leiteiro*, etc.); móveis (como *mesa-console*); aparelhos (como *rádio-relógio*, *mix-batedeira*, etc.); dependências da casa e tipos de moradia (como *sala-e-dois-quartos*), dentre outros tipos menos freqüentes.

O autor examinou os substantivos compostos determinativos em detalhes, de acordo com as classes de seus componentes e, ao fazê-lo, observou a existência de um grande número de substantivos compostos formados pela combinação de dois substantivos. Ele defende a hipótese de compostos deste tipo estarem surgindo no idioma por influência de outras línguas, em especial do inglês.

Ainda enfocando os compostos do tipo determinativo, Sandmann estuda os substantivos compostos do tipo A+S, S+A, S+de+S, V+S e NUM+S, centrando sua análise, principalmente, na diferença entre compostos e grupos sintáticos comuns.

#### 4.1.2

#### Diferenças entre Substantivo Composto e Grupo Sintático

Os compostos do tipo S+S, segundo Sandmann, distinguem-se mais facilmente dos grupos sintáticos correspondentes fonológica e semanticamente do que os do tipo A+S, S+A e S+de+S. O autor cita como exemplo o fato de, no dicionário **Aurélio**, no verbete *avião*, estarem incluídos *avião de bombardeio*, *avião de caça* e *avião supersônico*, considerados não como compostos, mas como grupos sintáticos, enquanto que *avião-suicida* é registrado separadamente, considerado como nome composto. O autor cita ainda o caso de duas expressões de sentido igual, que se destinam a expressar a cor local que o socialismo adquiriu no Brasil: *socialismo moreno*, presente no corpus como grupo sintático, grafado sem hífen, paralelamente a *socialismo-jenipapo*, em que a presença do hífen acentua a natureza de nome composto. Estes dois casos, *avião-suicida* e *socialismo-jenipapo*, por terem a estrutura S+S, são, segundo o autor, mais facilmente assimilados pelo léxico como palavras compostas do que os outros, que se formam pela união de um substantivo a um adjetivo ou locução adjetiva.

Os compostos formados por A+S, S+A e S+de+S apresentam maior dificuldade a quem pretenda distingui-los de grupos sintáticos permanentes correspondentes, de acordo com o autor. Ele observa que, quanto aos grupos formados pela união de substantivo e adjetivo, o Aurélio, principalmente, tende a considerar como compostos aqueles em que o adjetivo antecede o substantivo, como *alto-mar*, *livre-pensador*, *livre-câmbio*, *livre-culto* e tratar como sintagmas comuns as combinações em que o adjetivo vem após o substantivo, como *mar alto*, *câmbio livre*, etc. (1989: 132)

Sandmann afirma que, em português, diferentemente do que ocorre em alemão, os critérios morfológicos, fonológicos e sintáticos não são tão seguros para o estabelecimento da distinção entre um composto e um grupo sintático. A palavra complexa ideal, afirma ele, é aquela que se diferencia do grupo sintático correspondente da maneira mais nítida possível, pela forma e pelo conteúdo, e um composto legítimo apresenta algum(ns) tipo(s) de **isolamento**: fonológico, morfológico, sintático ou semântico. **Isolamento**, no caso, significa diferenciação, separação. Tomem-se, por exemplo, *pé de boi* (a pata) e *pé-de-boi* (pessoa aplicada). As duas entidades não se distinguem morfológicamente, já que formam o plural do mesmo modo; do ponto de vista fonológico, apresentam igual distribuição dos acentos; consideradas do prisma da sintaxe, ambas têm seus elementos na ordem DM+DT; o isolamento é, portanto, semântico. Já no caso do composto *pontapé*, há o isolamento fonológico - a perda do acento de *ponta*; há o isolamento sintático, evidente na mudança de *ponta de pé* para *pontapé*; e o isolamento semântico, pois de *ponta de pé*, parte do pé, o significado evoluiu para a noção de *pancada com o pé*. A identidade de um nome composto ganha contornos mais nítidos, segundo Sandmann, quando mais de um fator de isolamento se somam, como se constatou em *pontapé*.

O critério semântico, segundo o autor, é o mais eficaz para que se chegue à diferenciação entre compostos e sintagmas comuns. Novamente ele frisa que a simples presença da função nominativa/designativa e a existência de um referente nitidamente individualizado não são suficientes para formar um composto. Expressões como *máquina de lavar roupa*, *máquina de costura*, *máquina de lavar louça* etc., por exemplo, apesar de possuírem referentes individualizados,

são apenas grupos sintáticos fixos, pois não apresentam isolamento fonológico ou semântico. Não configuram, portanto, o processo de composição.

Em relação aos compostos do tipo S+S, Sandmann afirma que, em português, não é usual que um substantivo especifique outro dentro da sentença. Uma visão diferente, mostrada por Basilio, será abordada adiante, nesta dissertação. Segundo Sandmann, seriam poucas as ocorrências de substantivo como determinante de outro substantivo em português. Por isso, explica ele, os compostos deste tipo – S+S – distinguem-se de outros sintagmas pelo critério sintático. E, de acordo com as observações feitas pelo autor, esta diferença é tão evidente que os compostos deste tipo sempre aparecem grafados com hífen (*salário-creche, música-tema*, etc.).

No entanto, diz ele, quando se trata de formações do tipo A+S, S+A e S+de+S, as dificuldades de aplicação dos critérios fonológico, morfológico e sintático são maiores, devido à semelhança, dentro da frase, entre os compostos e grupos sintáticos correspondentes.

Ele afirma ser difícil a distinção entre um composto formado por S+de+S, como *pé-de-moleque*, por exemplo, e o grupo vocabular *pé de moleque*. O único critério que torna possível a distinção é o semântico, segundo ele, uma vez que, do ponto de vista sintático, fonológico e morfológico não há como separá-los, pois não apresentam abreviação ou perda de elementos lexicais; não apresentam diferentes pautas acentuais; flexionam-se da mesma maneira. Sendo assim, o único aspecto que os distingue é o semântico. De acordo com o autor, muitos dos compostos do tipo S+de+S são de base **metafórica** ou **metonímica**.

A tarefa de diferenciar os nomes compostos dos grupos sintáticos paralelos exige, segundo Sandmann, que se analisem as expressões em questão sob quatro critérios: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico, a fim de que se possa detectar algum tipo de isolamento que permita afirmar que se está ou não diante de um composto.

#### 4.1.2.1

##### O Critério Fonológico

O fator fonológico, segundo o autor, é de importância evidente em compostos do tipo *tomaticultura* e *pacotologia* (ciência dos pacotes econômicos), por exemplo. Em ambos houve a substituição da vogal final *e* (de *tomate* e *pacote*) por *i* e *o*, respectivamente. Além disso, houve, em cada uma das formações, a perda da vogal tônica do primeiro elemento (**tomate** e **pacote**). Estas palavras perderam, portanto, o status de vocábulo. Estes dois casos ilustram bem a importância do fator fonológico na formação de alguns compostos.

#### 4.1.2.2

##### O Critério Morfológico

Em português, segundo Sandmann, este não é um critério que contribua para distinguir a maior parte dos nomes compostos de grupos sintáticos paralelos, uma vez que, sob esse ângulo, estas duas entidades raramente se diferenciam. Para constatá-lo basta que se compare a formação do plural de alguns compostos com locuções nominais de formação semelhante, como:

- (33) matérias-primas / matérias difíceis (S+A)
- (34) boas-praças / grandes praças (A+S)
- (35) luas-de-mel / balas de mel (S+de+S)

As únicas exceções são os compostos que incluem formas abreviadas de adjetivos, como *grão-duques*, *bel-prazeres* e *grã-cruzes*, que as mantêm invariáveis.

#### 4.1.2.3

##### O Critério Sintático

Este é um bom critério, segundo Sandmann, em muitos casos, para distinguir os compostos de grupos sintáticos, pois os compostos são sintagmas que só podem ser especificados globalmente. O autor toma como exemplo a expressão

*arma branca*, que o dicionário Aurélio registra assim, sem hífen, como se não fosse, portanto, um composto legítimo. Ao especificá-lo, só se pode fazê-lo globalmente, como demonstra o autor. Ao se dizer *arma branca nova*, o adjetivo estará se referindo ao todo *arma branca*, e é impossível relacioná-lo apenas com *arma*, dizendo-se *\*arma-branca e nova*, pois a coordenação entre os dois adjetivos – *branca e nova* – anularia o significado do composto, uma vez que *branca*, nesse caso, assumiria o valor de *cor*.

#### 4.1.2.4

#### O Critério Semântico

Este, como já se disse, é, segundo Sandmann, o critério mais útil para a diferenciação entre compostos e grupos sintáticos paralelos. Os fatores contextuais, mais que quaisquer outros, nos orientam a distinguir *bóia-fria* de *bóia fria* em frases tais como:

(36) Dezenas de *bóias-frias* desembarcam cedo de caminhões.

(37) Na hora da fome, almoçam suas *bóias frias* sentados à sombra das poucas árvores.

#### 4.1.3

#### Adjetivos Compostos

Sandmann mostra que, além dos substantivos, a língua também apresenta **adjetivos compostos copulativos e determinativos**. No caso dos **adjetivos compostos copulativos**, a função predicadora do adjetivo em relação a um substantivo se realiza de modo tal, que a palavra formada remete igualmente a mais de uma predicação – mais comumente duas – em igualdade de condições. Na expressão “*acordo brasileiro-paraguaio*”, ou “*paraguaio-brasileiro*”, exemplos do autor (1991: 64), *paraguaio* e *brasileiro* se referem igualmente a *acordo*, sem que haja, do ponto de vista semântico, preponderância de um dos dois. No entanto, o mesmo não se dá quanto ao adjetivo composto presente na expressão “a comunidade *italo-brasileira* de São Paulo”, pois, nesse caso, trata-se de uma comunidade *brasileira* de origem *italiana*; *brasileira* determina

*comunidade* e *italo* determina *brasileira*, conforme mostra o autor. Aqui, está-se diante de um **adjetivo composto determinativo**. Ele cita ainda os exemplos “*música afro-brasileira*” e “*tradição teuto-brasileira*”.

#### 4.1.4

#### Compostos Vernáculos e Não-Vernáculos

Sandmann, no mesmo trabalho (1991), distingue os compostos formados por S+S do tipo vernáculo daqueles não-vernáculos (ou de modelo neoclássico). Os compostos vernáculos, estatisticamente mais produtivos, segundo o autor, são aqueles que apresentam a seqüência DM+DT e refletem a ordem geral do sintagma nominal em português; o autor cita *trem-bala* como exemplo de composto vernáculo. Contudo ele observa que os de estrutura DT+DM, de provável influência estrangeira, mostram, modernamente, notável produtividade. E cita exemplos recolhidos na mídia, tais como *Eurocopa*, *egitomania*, *biodança*, *chutometria*, *maricultura*. Esta ordem dos elementos, o determinante antes do determinado, como observa o autor, é a mesma dos compostos gregos, como *psicologia*; latinos, como *agricultura*; ingleses, como *bulldog*; alemães, como *handarbeit* (mão-de-obra).

#### 4.1.5

#### Compostos Endocêntricos e Exocêntricos

Sandmann analisa também os compostos como **endocêntricos** ou **exocêntricos**. Os *endocêntricos* são aqueles cujos referentes do universo a que se refere o composto estão expressos na própria palavra complexa.

Os compostos exocêntricos não apresentam a mesma transparência semântica, e seu significado só pode ser apreendido por “fatores culturais ou pragmáticos”, como afirma o autor, já que os referentes do mundo exterior não se identificam na palavra composta. Ele cita o caso de “*pega-rapaz*” (cacho sobre a testa) e “*porta-seios*” (sutiã) como exemplos de compostos exocêntricos. Os endocêntricos são exemplificados por “*estado-mecenas*” (um tipo de estado) e “*pornocassete*” (um tipo de cassete).

## 4.2

### As Abordagens de Basílio

#### 4.2.1

#### Estrutura e Funções dos Compostos

Basílio (2003) mostra que o processo de composição consiste na união de elementos que não têm funções predeterminadas, como ocorre com os afixos na derivação. Na composição, como a autora esclarece, dentre as bases que se unem, cada uma tem seu papel definido pela própria estrutura do composto. Se a formação resulta da união de V+S, como *porta-bandeira*, por exemplo, o substantivo tem função análoga à do objeto direto em relação ao verbo; se resulta da união de dois substantivos, como *samba-enredo*, o primeiro funciona como núcleo e o segundo como especificador. No caso da união de substantivo com adjetivo, como em *obra-prima* ou *belas-artes*, por exemplo, o substantivo é sempre o núcleo e o adjetivo é o modificador. Empregando estruturas sintáticas com fim lexicais, a composição, segundo a autora, desempenha a função de nomeação e/ou caracterização de seres, eventos, etc. E, nesse processo, é comum o distanciamento entre o significado global do produto e a função do significado dos componentes.

Segundo a autora, a nomeação de seres pode ser descritiva, como em *navio-escola* ou *papel-alumínio*, compostos em que se tem a denominação de seres por suas características concretas. Mas a denominação também pode ser metafórica, quando a descrição do ser se faz não através de seus atributos objetivos, e sim por uma relação de semelhança com outro, como é o caso de *louva-a-deus*, formação que se baseia na semelhança entre a postura do inseto quando pousado e a de alguém que reza. Na nomeação metafórica, segundo a autora, acentua-se o distanciamento entre o significado global da palavra e o significado das partes. A diferença fundamental entre os compostos descritivos e os metafóricos está em que podemos inferir o significado de um composto descritivo pela simples observação das formas que o compõem, mas não podemos fazê-lo diante de um composto metafórico.

Neste mesmo trabalho, Basílio mostra que, embora o processo de composição se faça, muitas vezes, por meio da combinação de formas variadas e imprevisíveis, há, pelo menos, dois tipos de combinações constantes: uma delas é a que se opera nas formações que unem verbo com substantivo, em que as formas *guarda-*, *porta-* e *pára-* constroem vários nomes compostos, como, por exemplo, *guarda-roupa*, *guarda-móveis*, *guarda-costas*, etc.; *porta-guardanapo*, *portaluvas*, *porta-bandeira*; *pára-lama*, *pára-quedas*, *pára-raios*, para citar apenas alguns exemplos. Esta regularidade, segundo a autora, apresenta pontos em comum com a derivação, por conservar uma das formas como forma fixa. Ultimamente, têm surgido novas criações lexicais calcadas neste modelo, em especial no comércio, que é uma grande vitrine das novidades criadas e recém-nomeadas pela indústria moderna. Nas vitrines e prateleiras de lojas, são oferecidos objetos como *porta-trecos*, *porta-CDs*, *porta-disquetes*, *porta-batom*, *guarda-coisas* e muitos outros objetos, cujos nomes seguem esse padrão morfológico.

Outra regularidade, segundo a autora, é a frequência da estrutura verbo+substantivo como designadora de **agentes** ou **instrumentais**, observável nos exemplos acima, que utilizam as formas *guarda-*, *porta-* e *pára-*, e em outros, envolvendo outros verbos, tais como *mata-mosquito* (o profissional que mata estes insetos) *pega-ladrão* (dispositivo que acusa tentativa de arrombamento) *salva-vidas*, etc.

A autora também menciona os compostos de estrutura V+V, em que a duplicação do verbo caracteriza certos tipos de evento, como outro caso de modelos de formação de função constante. Vejam-se os exemplos *corre-corre*, *mexe-mexe*, *quebra-quebra*.

A composição de palavras, segundo Basílio, se utiliza largamente do processo de criação metafórica. Ela “se situa muito mais no nível do lexical, do coloquial, do regional e do esporádico, em oposição à derivação, que é mais freqüente na língua formal e mais estável em suas produções” (2003: 34).

Quanto às composições de bases presas, a autora destaca sua produtividade na língua formal, com função de denominação, na linguagem científica e tecnológica. Embora os compostos deste tipo possam ser formados a partir de várias combinações, as formações mais freqüentes envolvem um número pequeno

de radicais. E alguns se tornaram tão freqüentes, que estão em vias de se tornar verdadeiros sufixos, como observa a autora. Ela cita, a esse respeito, a base *log-*, formadora de numerosas palavras da área científica, como *psicologia*, *futurologia*, *mineralogia* e muitas outras.

Nas composições deste tipo, como mostra a autora, também se tem um núcleo e um especificador. Mas eles costumam estar na seqüência especificador + núcleo, menos comum nas composições de bases livres. Assim, nos exemplos acima, *-logia* é o núcleo que está sendo modificado por *psico-*, *futuro-*, etc. Em *agricultura*, tem-se o elemento *agri-* como modificador de *-cultura*. Estes compostos envolvem pelo menos uma base presa, como observa a autora e, pelo próprio âmbito semântico de que fazem parte, não possibilitam construções metafóricas.

Em trabalho posterior (2004: 89), Basílio analisa os compostos formados pela união de dois substantivos, como, por exemplo, *engarrafamento-monstro*, *festa-surpresa*, *seqüestro-relâmpago*, *testemunha-chave*, *funcionário-fantasma*, *escola-padrão*, dentre outros, e mostra como, nestes casos, o segundo substantivo da formação desempenha a função de qualificar outro substantivo, papel que é mais comumente desempenhado pelo adjetivo.

Em todos estes compostos, o segundo elemento é tomado como um predicado que qualifica o primeiro. Eles alcançam maior efeito estilístico do que outras construções, em que esse papel de qualificador seja desempenhado tradicionalmente pelo adjetivo. A autora o demonstra quando sugere a comparação do impacto expressivo causado pela palavra *festa-surpresa* ao da expressão equivalente *festa inesperada*. Esse efeito expressivo, afirma ela, pode ser ainda maior quando o composto é de criação metafórica, como *empresa-fantasma*, *seqüestro-relâmpago*, etc.

Há também o caso, muito freqüente, em que o composto também se constrói pela união de dois substantivos, dos quais o segundo qualifica o primeiro estabelecendo especificação de cor, como *azul-turquesa*, *rosa-chá*, *verde-oliva* e tantos outros.

E há ainda, segundo a autora, compostos formados por dois substantivos que são nomes de agente e designam um ser caracterizado duplamente como agente, como *sociólogo-presidente*, *terrorista-suicida*, etc. A autora observa que,

nestes casos, há uma hierarquia tal entre os componentes que um deles é tomado como agente principal, como se pode ver nos exemplos citados. A autora lembra o célebre exemplo machadiano, em que o protagonista Brás Cubas se declara, no início de suas memórias postumamente escritas, não ser um *autor-defunto*, mas um *defunto-autor*. Todo o sentido da declaração da personagem e o próprio significado da obra repousam na hierarquia de foco que torna semanticamente tão diferentes as duas composições.

#### 4.2.2

#### Compostos x Grupos Vocabulares Comuns

Em outro trabalho (2000), Basílio investiga o processo composição sob o prisma da definição de **palavra**, uma vez que, como ela argumenta, o composto é uma entidade lingüística definida como uma formação que reúne em si duas ou mais **palavras** ou radicais. A autora toma como ponto de partida a definição de palavra concebida por Bloomfield e mostra os aspectos problemáticos que ela suscita, quando se tenta aplicá-la aos compostos.

Bloomfield (Apud Mattoso Câmara, 1950: 59), como já se expôs neste trabalho, estabeleceu um critério para a apreensão de vocábulos formais que classificou as unidades de uma língua em formas presas e livres. Uma **palavra**, de acordo com esta definição, seria uma forma livre mínima, **não divisível em outras formas livres**, capaz de, sozinha, constituir um enunciado. Conforme mostra a autora, esta conceituação não é satisfatória quando confrontamos a situação dos nomes compostos, pois uma palavra composta, como *sofá-cama*, por exemplo, é claramente divisível em formas menores: *sofá* e *cama*. Portanto, a dificuldade quanto à identificação de um composto, segundo Basílio, se origina, em parte, na falta de uma definição precisa da palavra enquanto unidade lexical e morfológica.

Os falantes costumam conceber os compostos como unidades que integram o léxico e que se distinguem das outras por serem “conjuntos de palavras que funcionam como uma só”, segundo a autora. Mas há dois problemas em relação a esta visão tradicional do composto.

Em primeiro lugar, ela não distingue formações do tipo *guarda-roupa*, *olho-de-sogra*, *luso-brasileiro*, que exemplificam um padrão sistemático de expansão lexical existente na língua, de outras do tipo *Maria-vai-com-as-outras*, que não representam um modelo produtivo. Os poucos que existem correspondem à lexicalização eventual de alguns conjuntos de palavras.

O segundo problema é que é necessário distinguir a palavra composta de outras estruturas sintáticas que envolvam mais de um elemento em sua formação. Como diz a autora, é preciso caracterizar a palavra composta não apenas por conter em si mais de uma palavra, mas defini-la em **suas propriedades estruturais de palavra**, aquelas que a diferenciam de outros grupos vocabulares.

A autora, por meio da análise de algumas formações do tipo V+S, procura demonstrar - considerando os aspectos fonológico, morfológico, sintático e semântico - como se pode depreender a estrutura de nomes compostos em oposição a grupos vocabulares comuns. Compostos como *mata-mosquito*, *guarda-roupa*, *beija-flor* e *porta-guardanapo*, como ela demonstra, representam um **processo lexical estável**, mesmo quando a formação é de base metafórica (como é o caso de *beija-flor*). Estas formações, ensina, reproduzem a estrutura sintática V-Od e designam um agente ou instrumento caracterizado pela ação do verbo sobre o substantivo. Assim, o *mata-mosquito* é um profissional caracterizado pela ação de *matar* sobre *mosquito*; *saca-rolha* é um instrumento caracterizado pela ação de *sacar* sobre *rolha*, etc. O significado dos produtos é transparente e vai além da soma das partes, o que é a função da composição como processo de expansão lexical, segundo a autora. Basilio fundamenta suas colocações fazendo um interessante estudo do substantivo composto *mata-mosquito* em confronto com o sintagma *mata mosquito*, sob diferentes ângulos. Através de algumas experimentações comparativas destes dois grupos de palavras em certos contextos, a autora consegue ilustrar sob que critérios objetivos é possível afirmar que o grupo *mata-mosquito*, sem dúvida, representa, no léxico, um nome composto. Sua demonstração, tomada como modelo, pode contribuir para que se esclareçam dificuldades de identificação quanto a outras combinações de palavras.

Do ponto de vista fonológico, a distinção entre um composto e um não-composto envolvendo um verbo e um substantivo se afirma devido ao ritmo, à

acentuação e à autonomia fonológica diferentes, observáveis na leitura de duas frases como as seguintes, exemplos dados pela autora:

(38) João *mata mosquito* no verão para ajudar o prefeito, ...

(39) João, *mata-mosquito* no verão para ajudar o prefeito, ...

Do ponto de vista morfológico, a diferença se afirma pelo congelamento da forma verbal *mata* na terceira pessoa do singular (ou uso do tema verbal), evidente quando o não-composto figura em contextos que exigem flexão, como:

(40) a. João e Maria *matam mosquito* no verão ...

b. João *matou mosquito* no verão passado ...

c. João e Maria, *mata-mosquitos* no verão ...

Do ponto de vista sintático, a autora mostra que o composto V+S não se comporta como um sintagma verbal, haja vista que não se pode coordenar outro elemento ao substantivo *mosquito* e nem é possível a intercalação de alguma palavra entre o elemento verbal e o elemento nominal do composto. Vejam-se os seus exemplos:

(41) a. João *mata mosquito e barata* no verão para ajudar ...

b. João *mata-mosquito* (\*e barata) no verão ...

c. João *mata muito mosquito* no verão ...

d. João *mata- (\*muito) mosquito* no verão ...

Do ponto de vista semântico, a diferença entre o composto e um sintagma verbal se afirma pelo fato de, no caso de *mata-mosquito*, estarmos claramente diante de um **nome de agente**.

Assim, segundo a autora, está-se diante de uma formação que se comporta como **uma palavra** e que contém mais de uma palavra em sua construção. Trata-se, portanto, de uma **palavra composta**, não só do ponto de vista lexical, quanto do ponto de vista morfológico.

Entretanto, como pondera a autora, diante de outros modelos de combinação de palavras, nem sempre é possível determinar com rigor que se trata de um nome composto do ponto de vista morfológico. Algumas, como *carta-branca* e *amor-perfeito*, por exemplo, são de tal natureza, que o significado do produto da combinação não é previsível a partir do significado das partes; constituem, portanto, compostos lexicais. Mas a manutenção da concordância entre os componentes é um argumento para que se conteste sua natureza de composto, do ponto de vista morfológico.

Para ilustrar a complexidade da questão relativa à identidade das seqüências S+A, a autora analisa o caso da expressão *óculos escuros*. Neste caso, o significado do todo está relacionado ao significado das partes, mas não se trata de um sintagma comum, pois a expressão *óculos escuros* designa um objeto específico. Isto fica evidente quando se examinam as seguintes frases:

(42a) Os óculos devem ser mais escuros com vestidos claros e mais claros com vestidos escuros.

(42b) Estes óculos estão ficando escuros.

Em (42a) e (42b), o adjetivo *escuros* aparece especificando a palavra *óculos*. Mas o valor semântico da combinação não se confunde com o da expressão *óculos escuros*, posta em questão. Observe-se o exemplo (42c):

(42c) Eu prefiro *óculos escuros* claros para que eu possa usar até 6h.

No exemplo (42c), o adjetivo *claros* usado em relação a *óculos escuros* não cria um enunciado paradoxal, porque a palavra *escuros* aliada à palavra *óculos* designa um determinado objeto, cuja cor pode variar em intensidade. Ou seja, do ponto de vista lexical, a expressão *óculos escuros* constitui um composto.

Do ponto de vista morfológico, entretanto, há razões que dificultam sua classificação como composto. Uma delas é a presença da flexão nominal exigida pelo substantivo *óculos*. A outra é a existência, segundo a autora, da variante popular *óculos pretos*. Sob este aspecto, a possibilidade de substituição de um dos elementos por outro, semanticamente equivalente, descaracteriza o composto.

Logo, não se pode afirmar, de maneira inconteste, que a expressão *óculos escuros* seja um nome composto, do ponto de vista morfológico, embora o seja, do ponto de vista lexical.